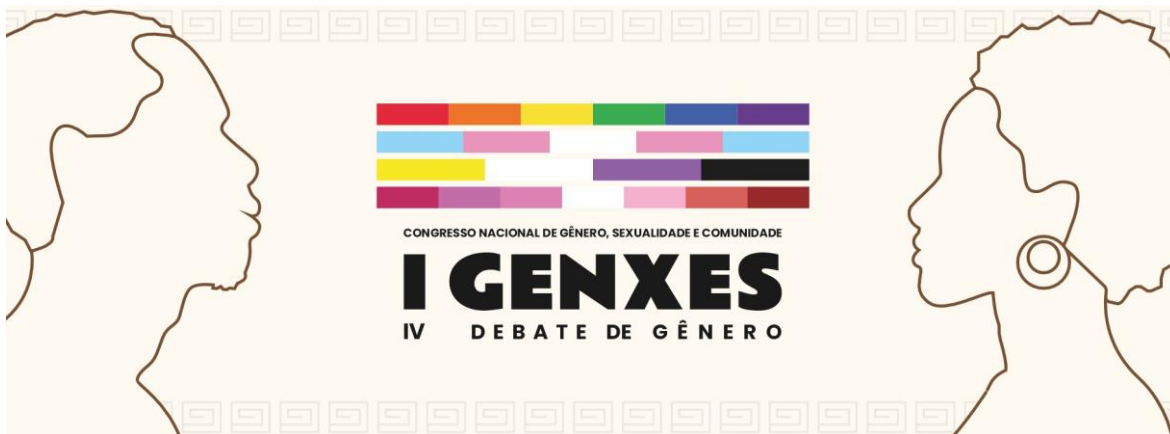




GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA: DESAFIOS PARA FORMAÇÃO DOS NOVOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA

Eixo Comunitário: Questões de Gênero e Sexualidade na Formação de Professores

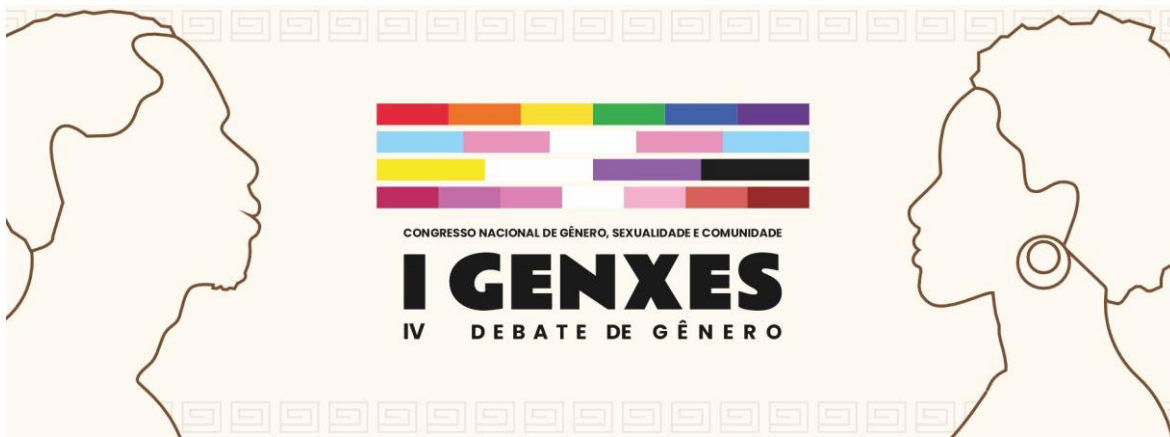
Renata da Silva Barbosa
Universidade Regional do Cariri – URCA
E-mail: renata.barbosa@urca.br

Clesley Maria Tavares do Nascimento
Universidade Estadual do Ceará – UECE
E-mail: clesley.tavares@urca.br

RESUMO:

O espaço geográfico, categoria central de estudo da Geografia, é a expressão da relação sociedade-natureza, o qual entende que a existência humana é espacializada, em um processo de (re)produção espacial. No entanto, essas formas de organização e de dinâmica espacial não ocorrem na neutralidade, revelam relações de poder forjadas na exclusão e na hierarquização dos corpos (gênero, classe, raça/etnia, religião, idade, sexualidade). Nesse sentido, há corpos que são excluídos e que são invisibilizados, social e cientificamente, dentro dessa estrutura da colonialidade, exigindo a inserção e aprofundamento dessas discussões nos cursos de formação inicial de professores. Diante desse cenário, o presente trabalho traz os resultados de uma pesquisa de Iniciação Científica (IC)¹, que teve como objetivo central compreender como as questões relacionadas ao gênero e à sexualidade vêm sendo trabalhadas na formação docente, no curso de licenciatura plena em Geografia da Universidade Regional do Cariri (URCA). Refletir sobre as questões de gênero e de sexualidade, de forma a desconstruir padrões estereotipados que geram exclusão social; contribuir para construção de uma equidade de gênero e de diversidade sexual, no enfrentamento do sexismo e da homofobia, a partir de práticas de ensino que desconsideram a hegemonia de classe, de sexualidade e de gênero, que reforçam o preconceito nos cursos de formação e no ambiente escolar, constituem os demais objetivos da pesquisa. É importante destacar, que o conceito de corpo-território, oriundo das discussões sobre gênero levantadas pelo movimento ecofeminista indígena, conduziu a trama investigativa deste projeto. Se havia resistência sobre a relevância do corpo, como ponto de partida para o entendimento do espaço geográfico, ela foi sendo dissipada nas últimas décadas, através de pesquisadores como Alicia Lindon (2012) e Joseli Silva (2016). (HAESBAERT, 2020) Isto

¹ A pesquisa de Iniciação Científica foi fomentada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).



posto, destaca-se que trabalhar com gênero e sexualidade não é apenas discutir sobre os papéis desempenhados por homens e mulheres socialmente, ou pensar nos elementos que os colocam em grupos distintos, mas considerar os contextos sociais, culturais, econômicos que esses sujeitos se encontram inseridos em uma estrutura socioespacial edificada no tripé da colonialidade do poder, do saber e do ser. Importa salientar que na ânsia de produzir uma ciência que subverta o poder instituído, revelando as violências (em suas amplas esferas) de uma sociedade heteronormativa, o estudo se baseou no pensamento decolonial, que busca desconstruir uma “colonialidade do poder”, marcada por profunda herança escravista e patriarcal onde proliferam, até hoje, violências de classe, de raça e de gênero” (HAESBAERT, 2020, p.75). É notório que as instituições de ensino e de pesquisa, como as universidades e as escolas, tenham suas bases em estruturas que reproduzem as relações de poder socialmente construídas, ou seja, são espaços que geralmente reprimem, que não compreendem a diversidade e os variados modos de vida, violando os direitos de existência dos sujeitos. Isso reforça, ainda mais, a necessidade de discussões sobre gênero e sexualidade nesses ambientes de formação. Corroborando com esse pensamento, Copatti e Callai (2022, p.206) apontam que “a partir do olhar geográfico propositivo, conscientizador e provocador sobre a realidade e as interações humanas em sociedade, é possível repensar valores e contribuir, pela geografia escolar, à emancipação dos sujeitos e ao exercício da cidadania”. Considera-se que ao enveredar pelo caminho da diversidade, da empatia, da justiça e do respeito, o ensino de geografia encontre espaço para provocações dialógicas que conduzam a superação da invisibilidade dos sujeitos subalternizados pela lógica eurocêntrica dominante.

Palavras-chave: Gênero; Sexualidade; Formação Docente; Geografia.

REFERÊNCIAS

COPATTI, Carina; CALLAI, Helena Copetti. **Construção de valores e cidadania:** uma abordagem necessária no ensino de Geografia. Revista Ensino de Geografia. Recife. V.5, nº 2. p.206-225. 2022.

Elas Vivem: dados que não se calam. Rede de Observatórios da Segurança. Março 2023. Disponível em: [RELATORIO_REDE-DE-OBS-elas-vivem_final-2.pdf](#) (observatorioseguranca.com.br). Acesso em: 22/03/2023.

HAESBAERT, Rogério. **Do corpo-território ao território-corpo (da terra):** contribuições decoloniais. Revista GEOgraphia. Rio de Janeiro. V.22, n.48. p.75-100. Junho de 2020.

SILVA, Joseli Maria. **Geografias feministas, sexualidades e corporalidades:** desafios às práticas investigativas da ciência geográfica. Revista Espaço e Cultura. Rio de Janeiro. N.27.p.39-55. Jan./junho de 2010.

SILVA, Joseli Maria. **Geografias Feministas e das Sexualidades:** encontros e diferenças.



Ponta Grossa – PR: Editora Toda Palavra, 2016.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e Filosofia**: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

TORRES, Luana. **Agosto Lilás**: Cariri soma 1.443 boletins de violência contra a mulher. Agência de Notícias do curso de jornalismo da UFCA. 2021. Disponível em: [AgostoLilás:Caririsoma1.443boletinsdeviolênciacontraamulher–AgênciaCariri\(ufca.edu.br\)](https://www.ufca.edu.br/agencia-cariri/boletins-de-violencia-contra-a-mulher-agosto-lilas) Acesso em: 23/03/2023.